

## **Dia Mundial da Luta Contra Aids Registro das comemorações pela imprensa(1988-2012) <sup>1</sup>**

Ana Cláudia Condeixa de Araujo<sup>2</sup>

Universidade. do Grande Rio José de Souza Herdy(Unigranrio), Duque de Caxias, RJ

### **RESUMO**

É indiscutivelmente, o papel da imprensa na transmissão de informações que possam, entre tantas outras coisas, ajudar as pessoas a se prevenir de doenças como, por exemplo, a AIDS. Esta pesquisa é parte dos nossos estudos para a tese de doutoramento e pretende avaliar o que a imprensa pública, que sentido produz, a quem dá voz e a quem silencia de forma a estabelecer estratégias de comunicação mais eficazes para o campo da saúde. Essa avaliação terá como base o resgate da memória de 25 anos de comemorações realizadas no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília no Dia Mundial da Luta Contra AIDS através das coberturas jornalísticas dessa comemoração realizadas pela *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Correio Brasiliense* no período de 30 de novembro a 02 de dezembro dos anos de 1988 a 2013.

Palavras-chave: Aids; Imprensa; Mídia; Saúde; Memória

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade do Grande Rio José de Souza Herdy(UNIGRANRIO), Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação e Saúde – ICICT/Fiocruz. e.mail: ana.condeixa@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO:

De acordo com os dados divulgados no *site* do Ministério da Saúde<sup>3</sup>, acredita-se que 530 mil pessoas vivam com AIDS no Brasil, sendo uma maior incidência entre pessoas de 15 a 49 anos de idade. Em relação às pessoas mais vulneráveis, um estudo realizado em dez municípios brasileiros mostra que a prevalência do HIV entre homens que fazem sexo com homens (HSH) é de 10,5% – aproximadamente duas vezes maior do que entre usuários de drogas (5,9%) e profissionais do sexo (4,9%).

Desde o início da década de 1980 até junho de 2011, o Brasil registrou 656,7 mil casos de acordo com o último Boletim Epidemiológico<sup>4</sup>. Em 2011, foram notificados 38,8 mil casos da doença e a taxa de incidência de AIDS no Brasil foi de 20,2 casos por 100 mil habitantes, com diferenças regionais relevantes. Atualmente, ainda há mais casos da doença entre os homens do que entre as mulheres. Em 2011, foram diagnosticados 1,9 casos em homem para cada registro da doença em mulher. E apesar de o número de casos no sexo masculino ainda ser maior entre heterossexuais, a epidemia no país está concentrada em grupos populacionais com comportamentos que os expõem a um risco maior de infecção pelo HIV, como homossexuais, prostitutas e usuários de drogas.

Quanto à faixa etária em que a AIDS é mais incidente, em ambos os sexos, é a de 25 a 49 anos de idade. Quanto à forma de transmissão entre os maiores de 13 anos de idade, prevalece a sexual. Nas mulheres, 88,7% dos casos registrados, em 2011, decorreram de relações heterossexuais com pessoas infectadas pelo HIV. Entre os homens, 43% dos casos se deram por relações heterossexuais e 32% entre homo/bissexuais. O restante ocorreu por transmissão sanguínea e vertical do HIV (da mãe para o bebê). Em números absolutos, é possível ver redução de casos de AIDS em menores de cinco anos: passou de 846 casos, em 2001, para 745, em 2011. O resultado confirma a eficácia da política de redução da transmissão vertical

Apesar de estarmos entrando da quarta década da epidemia da AIDS e tantas pessoas vivam e convivam com a “doença”, ela está longe de ser controlada e erradicada. A primeira década, após a identificação da doença, dividiu esforços não só num maior entendimento sobre a AIDS como também na luta pela solidariedade para com os

---

<sup>3</sup> Disponível em : [www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br), Acesso em: 28 nov. 2012

<sup>4</sup> Disponível em: [www.aids.gov.br/publicação/2012/boletim-epidemiologico-aids-e-dst-2012](http://www.aids.gov.br/publicação/2012/boletim-epidemiologico-aids-e-dst-2012). Acesso em: 28 nov. 2012

infectados. Já que pouco se sabia sobre a AIDS e não havia nem cura nem remédios, naquele momento, só restava a solidariedade aos infectados. A segunda década foi marcada por uma luta pela prevenção. A terceira década foi marcada pela luta para o acesso ao tratamento feito com o coquetel de medicamentos distribuído, de forma gratuita, pelo Sistema Único de Saúde(SUS).

Em 2012, com o *slogan* da campanha do Dia Mundial de Luta contra a AIDS, "Não fique na dúvida, fique sabendo", vai incentivar o diagnóstico precoce do HIV. O objetivo é alcançar, o público em geral, e de forma específica os profissionais e gestores de saúde, os homens que fazem sexo com outros homens (HSH), travestis, mulheres profissionais do sexo. A campanha conta com ações nas mídias sociais, anúncios nas mídias tradicionais, como TV e Rádio, buscando promover e incentivar a realização do teste, além de combater o preconceito.

## 2. Revisão de Literatura:

### 2.1 AIDS: da informação controversa à classificação como epidemia

Embora os sintomas da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) estivessem sendo notados nos Hospitais da Califórnia e de Nova Iorque desde os últimos anos da década de 1970, foram as notificações relacionadas a de 26 casos de uma forma de câncer rara em pacientes jovens - o sarcoma de Kaposi, tumor que ataca a pele, os gânglios linfáticos, as vísceras e o tubo digestivo, enviadas ao Controle de Doenças norte-americano em 1980 - que provocaram a busca pelo entendimento dessa “nova doença”. Atribui-se a um artigo publicado no *Morbidity and Mortality Weekly Report (MMWR)*<sup>5</sup>, em 5 de junho de 1981, a disseminação primeira da informação sobre a AIDS para a comunidade médica, de forma oficial. O artigo relatava o caso de cinco jovens do sexo masculino, sem história pregressa de imunodeficiência, de orientação homossexual, moradores de Los Angeles, que apresentavam infecção pulmonar atribuída a um micro organismo já conhecido, mas que só produzia infecção em casos de baixa imunidade, o *Pneumocystis carinii* (PPC)<sup>6</sup>. Desconhecidos entre si, eles apresentaram pneumonia entre outubro de 1980 e maio de

<sup>5</sup> *Morbidity and Mortality Weekly Report (MMWR)* é o boletim oficial do *Center of Disease Control (CDC)*, cujo objetivo é divulgar informações e recomendações relacionadas à saúde pública nos EUA. Especificamente, em relação a AIDS, um dos papéis relevantes desse boletim foi o de sistematizador das definições sucessivas do que seria um caso de AIDS, para fins de notificação. (NASCIMENTO, 2005, p.108 )

<sup>6</sup> *Pneumocystis carinii* é um protozoário com predileção por pulmões. Produz pneumonia grave em prematuros e lactentes distróficos ou em adultos com imunossupressão. (NASCIMENTO, 2005, p.108 )

1981, contudo, foi verificado também que os mesmos apresentaram candidíase oral e citomegalovírus (CVM). A nota editorial que acompanhava o artigo do MMWR chamava a atenção para o fato dos pacientes terem a mesma orientação sexual.

[...] sugere uma associação entre aspectos do estilo de vida homossexual, a doença, adquirida por contato sexual, e a pneumonia por *Pneumocytis carinii*” (NASCIMENTO, 2005, p.81).

Outros artigos saíram no mesmo ano no *Lancet*, no *New England Journal of Medicine*, mas, ainda sem conceito clínico e com várias denominações carregados de concepções morais como: “pneumonia gay”, “câncer gay”, “síndrome gay” ou mesmo *Gay Related Immune Deficiency* (Grid) – imunodeficiência ligada à homossexualidade. Inicialmente identificada como síndrome que acometia indivíduos do sexo masculino e homossexuais, estes logo foram enquadrados na categoria “grupo de risco”. Entretanto, não demorou para que a doença fosse diagnosticada em hemofílicos e usuários de drogas injetáveis, aumentando assim o “grupo de risco”<sup>7</sup>.

## 2.2 A AIDS é tema da imprensa brasileira

Com tanta informação circulando no meio médico, a imprensa não ficaria distante dessa notícia. Em setembro de 1981, o *Jornal do Brasil*, noticiou os casos de pneumonia e sarcoma de Kaposi<sup>8</sup> que estavam sendo investigados pelos Centros Nacionais de Controle de Doenças.

Os Centros Nacionais de Controle de Doenças formaram uma equipe de 20 médicos para investigar o surgimento de tipos raros, porém mortais, de pneumonia e câncer, principalmente em homossexuais masculinos. A formação da equipe, que consiste de especialistas em doenças venéreas, viróticas, parasitárias e de várias formas de câncer, foi apressada pela descoberta de 108 casos de sarcoma de Kaposi e de pneumonia nos últimos meses. (NASCIMENTO, 2005, p.86)

---

<sup>7</sup> A primeira modalidade de relação dos indivíduos com a AIDS foi na forma de **grupos de risco**. A característica principal desse modelo é que a doença é coisa dos “outros”. Os “outros”, no caso, são aqueles que manifestam sexualidade desviante (homossexuais), excessiva e pecaminosa (prostitutas) ou então que praticam crime (uso de drogas injetáveis). Ora, a maioria de nós julga-se distante dessas realidades. E, em princípio, talvez esteja mesmo, pelo menos na aparência. A nomeação dos grupos de risco e a identificação da epidemia nos “outros” são manobras que fazem com que a AIDS seja tratada como algo episódico e distante, associada a promiscuidade, drogas e homossexualidade. Disponível em: [homologacaoweb.aids.gov.br/sites/default/files/vulnerabilidade.rtf](http://homologacaoweb.aids.gov.br/sites/default/files/vulnerabilidade.rtf). Acesso em: 28 nov. 2012.

<sup>8</sup> O Sarcoma de Kaposi é um câncer de pele, raro, de causa desconhecida e pouco malignidade, que incide preferentemente em homem com idade acima de 50 anos. (NASCIMENTO, 2005, p.109 )

O jornal *O Globo* também publicou no mesmo ano, uma notícia que reforça a ligação da nova doença com homossexuais masculinos.

Homossexuais masculinos, em particular os viciados em drogas, estão sujeitos a uma enfermidade misteriosa, que reduz a imunidade natural às infecções e, com frequência, leva à morte. A síndrome, recém-descoberta, é tão nova que ainda não recebeu denominação, informaram cientistas de três centros médicos americanos, na última edição da revista *New England Medicine*. (NASCIMENTO, 2005, p.86)

Em 1982, foi temporariamente denominada da Doença dos 5H (homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinomanos (usuários de heroína injetável) e *hookers* (nome em inglês de profissionais do sexo))<sup>9</sup>, mas, no mesmo ano recebeu a denominação *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (AIDS) cuja sigla passou a designar uma nova epidemia (NASCIMENTO, 2005, p.82).

No texto “Um Outro Quarto Poder: imprensa e compromisso político no Brasil”, Affonso Albuquerque (2000) discute a imprensa brasileira e a coloca como “um poder moderador” imperial, travestido numa releitura do que vem a ser o “quarto poder”, anteriormente atribuído à imprensa americana e o papel que ela teve ao assumir uma postura de “defensora” dos direitos da sociedade ou guardiã da mesma. Diz o autor que “os jornalistas brasileiros se vêem tentados a realizar simbolicamente a justiça que ela não é capaz de fazer” (Albuquerque, 2000). A mídia tem papel chave nesse processo, como fiscalizadora e construtora de percepções de realidade e, dessa forma, ela se instaura como poder e seu texto se institui como “a verdade”.

Em seu artigo, “Discurso e poder: a contribuição barthesiana para os estudos da linguagem”<sup>10</sup>, Ana Paula Goulart (2004), defende a idéia de que o poder não tem centro, circula de forma infinita por uma rede entre os indivíduos e “está ligado a todos os aspectos da vida humana e não somente ao Estado e às classes dominantes”. É onipresente porque faz parte da linguagem e toda língua é legislação, prescrição, imposição, poder. Mas essa não é uma particularidade da língua em si – que, enquanto um sistema de regras (vocabular e gramatical), exerce sobre o indivíduo forte coerção –, mas também do discurso, que impõe aos indivíduos as regras não menos prescritivas de gêneros, como demonstrou Bakhtin (1999). A linguagem (tanto como estrutura, quanto processo produtivo concreto)

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>. Acesso em: 28 nov. 2012

<sup>10</sup> Disponível em: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/853/636>. Acesso em: 28 nov. 2012

implica em uma relação fatal de alienação, na medida em que impõe coerções iludíveis ao falante. Barthes (1978) não hesita em chamá-la, por isso, de fascista (em mais uma de suas célebres afirmações):

[...] o poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos libertadores que tentam contestá-lo [...] Plural no espaço social, o poder é, simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali; nunca perece; façam a revolução para destruí-lo, ele vai imediatamente reviver, re-germinar no novo estado de coisas. (BARTHES, 1978, p. 11-12.)

Nos anos que se seguiram, a imprensa insistiu em vincular a AIDS à homossexualidade, mas, os textos eram pouco esclarecedores do ponto de vista científico e carregados de contradições, espelhando, mesmo, a perturbação causada por esse novo evento no campo científico. A *Isto É*, de 6 de abril de 1983, cujo título foi “Tragédia Venérea: o mal dos homossexuais americanos” fazia uma vinculação a homossexuais e também a estrangeiros, além disso, trazia uma declaração de João Silvério Trevisan,<sup>11</sup> que afirmava desconhecer qualquer caso de AIDS no Brasil. Entretanto, segundo o Ministério da Saúde, o primeiro caso já teria sido diagnosticado em São Paulo, em 1982<sup>12</sup>. A *Folha de São Paulo* publicou matéria, informando que “foram detectados em São Paulo, recentemente, dois casos de Síndrome de Deficiência Adquirida, mais conhecida como AIDS<sup>13</sup>” A matéria informava ainda que um dos portadores tinha estado diversas vezes nos Estados Unidos e poderia ter adquirido a doença lá. A mesma reportagem informava a morte do costureiro Marcos Vinicius Resende Gonçalves, o *Markito*. Rico, homossexual, famoso e jovem, ele realizava freqüentemente viagens ao exterior. Dessa forma, as matérias mantiveram a Aids como uma doença de poucos e não do cidadão brasileiro. Desse ponto de vista, o Brasil foi mostrado como um país de povo alegre e feliz, apesar de tantas

<sup>11</sup> João Silvério Trevisan (Ribeirão Bonito SP 1944). Romancista, contista, ensaísta, roteirista, cineasta e tradutor. Inicia sua militância no movimento *gay*, em 1978, organiza o grupo “Somos pelos Direitos dos Homossexuais Brasileiros”, e funda o jornal temático *Lampião da Esquina*, para integrar pontos de vista não somente de homossexuais, mas também de outros grupos excluídos. Em 1982, atendendo à demanda da editora britânica *Gay Men's Press* - GMP, começa uma intensa pesquisa para escrever uma história da homossexualidade no Brasil, *Devassos no Paraíso*, lançada em 1986 simultaneamente na Inglaterra e no Brasil. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/05/09/homossexuais-amam-com-todos-os-direitos-deveres-diz-joao-silverio-trevisan-924412749.asp>. Acesso em: 28 set. .2011

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>. Acesso em: 28 nov..2012

<sup>13</sup> “Doença de homossexuais atinge o país”. *A Folha de São Paulo*, 08 jun. 1983.p. 15

diferenças, mantendo a idéia do mal vem sempre de fora, de longe. O que explicaria o fato de que Ricardo Veronesi, presidente da Associação Brasileira de Infectologia, afirmar, nessa mesma reportagem, que desconhecia casos de AIDS no Brasil. No entanto, o outro paciente diagnosticado no Brasil nunca tinha saído do Brasil, o que apontava para o fato da AIDS já ter se espalhado na América do Sul. (NASCIMENTO, 2005, p. 86-87).

Nos anos de 1983 e 1984, houve uma profusão de informações na imprensa sobre os casos brasileiros. As manchetes anunciavam: “Dois casos suspeitos de “câncer gay” são examinados na Unicamp”<sup>14</sup>; “AIDS já matou dois no Brasil”<sup>15</sup>; “Casos de AIDS duplicam a cada semestre no Estado de São Paulo”<sup>16</sup>. Entre 1985 e 1995, a *Folha de São Paulo*, registrou cerca de 1.593 matérias que faziam alguma referência à AIDS e *O Globo*, no mesmo período, realizou 959 matérias (FAUSTO NETO, 1999). Nos primeiros anos, a epidemia afetou a classe média e o meio artístico<sup>17</sup>, o que provocou uma grande mobilização por parte da imprensa, que associava à AIDS a homossexuais, usuários de drogas e prostituídos, julgados por seu comportamento e as vítimas, como os hemofílicos, as mulheres e as crianças, gerando uma grande repercussão junto à opinião pública.

O mal atinge muitos hemofílicos, viciados em drogas injetáveis, a quem se submete a transfusões de sangue e aos que tomam injeções endovenosas. (*O GLOBO*, 09 fev. 1983, p. 23)

Um mês depois, no dia 17 de março de 1983, o mesmo jornal publicou: “A chave da cura da AIDS, ou “câncer gay”, misteriosa doença mortal que desatou uma onda de pânico entre os homossexuais de todo mundo, pode ser encontrada na África.”

Em 1988, através de uma portaria assinada pelo Ministro da Saúde, Leonardo Santos Simão, o Brasil passa a adotar o dia 1 de dezembro, como o Dia Mundial da Luta Contra a Aids<sup>18</sup>. Curiosamente, em 3 de dezembro de 1988, o *Jornal do Brasil*, publicou matéria declarando que até novembro daquele ano, havia 418 mulheres contaminadas pelos vírus HIV<sup>19</sup>. A matéria assinada por Nadja Soraia anunciava:

<sup>14</sup> *Jornal do Brasil*, 15 jun. 1983, p.5

<sup>15</sup> *Folha de São Paulo*, 14 jun. 83, p.11

<sup>16</sup> *Folha de São Paulo*, 30 set. 1984, p. 23

<sup>17</sup> “Aidético brasileiro típico é homem, jovem e instruído”. *Jornal do Brasil*, 12 fev. 1988

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>. Acesso em: 28 nov. 2012

<sup>19</sup> “Saúde detecta maior incidência de Aids em mulheres e viciados”, *Jornal do Brasil*, 03 dez. 1988

Atualmente, os usuários de drogas representam 10% do modo de transmissão do vírus, enquanto no ano passado esse índice era de apenas 5,8%. (...) Para a diretora da Divisão da Aids, do Ministério da Saúde, “é preocupante a situação das mulheres usuárias de drogas injetáveis.” Dos 237 casos notificados em novembro, 13% foram mulheres, das quais 39% receberam o vírus através do uso de drogas. (SORAIA, 1988)

Embora a matéria afirme que a maior parte, 39% das mulheres contaminadas, são usuárias de drogas, a imprensa não chama atenção para o detalhe dos demais casos femininos estar associado ao contágio sexual. Talvez tal fato tenha ocorrido para não se discutir a origem do contágio e, quem sabe, discutir uma possível bissexualidade dos homens. Para Regina Ferro Lago (1999), os bissexuais masculinos responsabilizados com frequência pela disseminação da doença entre a população heterossexual não receberam a devida atenção da mídia e nem dos estudiosos da sexualidade.

A bissexualidade permanece insuficientemente problematizada enquanto categoria e pouco explorada nos campos das pesquisas sobre a sexualidade”.(LAGO,1999, p.157).

A ausência de interesse no campo das pesquisas, o tabu da sociedade em relação aos homens bissexuais que vivem relações heterossexuais estáveis, provocam de tal forma um silenciamento, que explicaria o aumento da epidemia entre mulheres, pouco tempo depois, nos anos 90.

Enquanto isso a sociedade revelava, através da seção “Carta ao Leitor”, a sua dificuldade de lidar com o tema. Leitores no período da primeira campanha sobre a importância do uso de camisinha declaravam: “A propaganda do Ministério da Saúde sobre o uso da camisinha é de um profundo mau gosto. Há outros meios de se difundir o uso de preservativos, sem lançar mão de apelações baratas.” (G. Silva – *O Globo*, 06 out. 1995); “A recente campanha do Ministério da Saúde, visando deter a disseminação da AIDS, além de aviltante é falsa e totalmente anti-producente, porque promove os fatores que estimulam o mal que se pretende combater. A sodomia e a promiscuidade sexual encorajados pela campanha constituem as principais fontes de manutenção e disseminação do vírus.” (J.E Santos – *O Globo*, 14 out. 1995); “Os métodos físicos e científicos não estão dando certo para conter a propagação da AIDS. Seria bom que se acrescentasse a essas armas o

conselho bíblico que diz: o ato sexual deve ser realizado dentro do casamento. E o homem deve ser esposo de uma única mulher.” (José Carmelito S. Silva – *O Globo*, 03 fev. 1992).

A grande repercussão na imprensa se deu pelo fato de que a AIDS ser uma epidemia que pôs em questão alguns pontos-chaves do tempo em que vivemos: sexualidade, moralidade, grupos minoritários, saúde pública, morte etc. (*Aids e Imprensa. Um guia para ONG-Grupo Pela Vida, 1999*).

### **3. Hipótese:**

A questão moral influenciou a imprensa de tal forma, seja através da fala das fontes ou de suas próprias impressões, que gerou uma série de ocultamentos, silenciamentos e exaltações na produção textual das matérias, deixando na memória da população que a AIDS só atinge homossexuais, drogados e prostituídos.

### **4. Procedimentos Metodológicos:**

Analisar as matérias que saíram em cobertura à comemoração do Dia Mundial da Luta Contra Aids nos jornais *A Folha de São Paulo*, *O Globo* e *Correio Brasiliense*, considerando as fotos, as legendas, os infográficos, número da página etc.

Entrevistar jornalistas, editores dos cadernos de saúde, membros do movimento social, pessoas vivendo com AIDS e seus familiares, profissionais da saúde, sobre o processo de divulgação da AIDS desde a fonte até os veículos.

### **5. Perspectiva Teórica**

Através de uma análise extensa e minuciosa de vários segmentos do jornalismo que tiveram a AIDS como tema, Fausto Neto (1999) observou que esses dados traziam à tona o papel da mídia, não apenas pela sua competência de anunciabilidade – fazendo da AIDS um fato midiático -, mas também porque a construção dos processos de inteligibilidade sobre a AIDS dependia gradativamente das práticas das mídias e de seus respectivos efeitos de sentido.

A Teoria da Análise de Discurso, usando Bakhtin (1999) e os seus conceitos de polifonia e dialogismo, para detectar que “vozes”, agentes e agências será uma das fontes teóricas desta pesquisa. Goffman (1988) e Stuart Hall (1997) serão as fontes para a questão das identidades culturais, considerando-se o enfoque globalizado da mídia e, por fim, faz-se necessária a referência a Foucault (1998) e Fairclough (2001) para discutir “a verdade e o poder” da mídia.

A polifonia, conceito criado pelo russo Bakhtin (1999), auxiliará a detectar os efeitos de sentidos, através da multiplicidade de vozes independentes. De acordo com Ducrot (1987), em “O dizer e o dito”, será outro autor a balizar os estudos sobre polifonia.

Todo enunciado apresenta uma pluralidade de vozes diferentes da do locutor. Nesta pesquisa, o locutor – enquanto emissor das palavras - será a imprensa que, a partir do Dia Mundial do Combate a AIDS, constrói o seu discurso,<sup>20</sup> utilizando como fonte os diversos agentes e agências (Ongs, autoridades médicas, Governo, indivíduos soro positivo, não portadores do HIV, entre outros).

A Teoria Social do Discurso, apresentada pelo inglês Norman Fairclough (2001), inova e renova os estudos da Análise de Discurso, anteriormente propostos pela Escola Francesa e, além de dar a dimensão crítica do olhar sobre a linguagem, se dispõe a não apenas examinar o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas seu fundamental papel na transformação social. O discurso como agente transformador das práticas sociais. A imprensa, nesta pesquisa, é quem anuncia a AIDS à sociedade, através de suas matérias e artigos, baseados nos fatos e respaldados em suas fontes.

E por que não dizer que a AIDS funda um novo discurso na sociedade contemporânea, mudando-a, como propõe Fairclough? Sim, porque antes da epidemia, “comparava-se” as doenças sexualmente transmissíveis a uma simples gripe, que eram curadas sem muitos problemas. A AIDS trouxe à nossa sociedade a necessidade de, em alguns casos, mudarmos, em outros criarmos hábitos.

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e restringem: suas próprias normas e convenções e também as relações, as identidades e as instituições que lhe são subjacentes. (FAIRCLOUGH, 2001).

---

<sup>20</sup> Noção fundadora e organizadora das demais. Discurso não é texto, ou frase longa, mas materialidade simbólica. Não se trata de tomar o discurso como realidade empírica, mas como objeto sócio-histórico: social porque processo-produto da sociedade; histórico, pelo trabalho dos sentidos (considerados na dimensão do ideológico) nele inscritos. Trata-se também de um objeto entendido na sua heterogeneidade e incompletude. (ORLANDI, 1999).

Na sua teoria, o autor torna possível essa discussão já que considera o discurso por um lado moldado pela estrutura social e, por outro, constitutivo da estrutura social. Quando a sociedade abandona idéias e atitudes que, por muitos anos, colaboraram para a formação de uma sociedade hipócrita, livre para viver até onde o prazer pudesse levar, a AIDS promove uma ruptura e instaura um novo discurso, o discurso da camisinha, da monogamia, expõe àqueles que optam por viver um estilo diferente do hegemônico, como os homossexuais, os prostituídos, os usuários de drogas e denuncia, principalmente, a bissexualidade de homens engratados, “machões”, pais de família. Já os hemofílicos, as crianças e as mulheres que contraíram o HIV através de seus parceiros foram chamados de vítimas pela sociedade.

A mídia tem papel chave nesse processo, como fiscalizadora e construtora de percepções de realidade e, dessa forma, ela se instaura como poder e sua verdade se institui como “a verdade”. Não é à toa que, atualmente, há um grande investimento no que chamamos de “mídia espontânea”. Cresce assustadoramente o número de assessores de imprensa que “lutam” para que seus clientes tenham nos jornais suas vidas expostas. Entre outras palavras, o que fortalece o poder da mídia é o fato de ela dar credibilidade a tudo que diz. Ela tem o poder de instituir o que acredita ser verdade e o seu poder de convencimento é indiscutível.

## **6. Considerações Finais:**

Na busca de evidenciar a pertinência de interesse desta pesquisa, durante a investigação sobre o tema em bibliotecas e *sites*, foram encontrados muitos trabalhos sobre AIDS, contudo nenhum deles tratava do Dia Mundial da Luta Contra AIDS. Os três jornais escolhidos, como campo observacional, *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Correio Brasiliense* não apresentaram registros sobre o evento, indícios de que a academia seguiu a imprensa, quanto ao interesse sobre a epidemia da AIDS, foram observados, pois há um silenciamento na produção científica entre os anos de 1995 a 2000.

Muitos dos artigos, textos e livros encontrados se situavam na área da saúde, da história e do serviço social e, embora haja muitos trabalhos, acerca da AIDS, na área da comunicação e, em especial na área da comunicação e saúde, a referência mais freqüente é o livro do professor Antonio Fausto Neto (1999), que faz a análise do discurso dos grandes jornais do Brasil. Seu trabalho é exaustivo e bastante interessante, embora ele, ao retirar as

matérias do contexto jornalístico, ou seja, quando apresenta apenas trechos e não o espaço ocupado pela matéria dentro da página, as fotos e suas legendas, deixa de fora alguns aspectos que abriam caminho para opção por este tema de pesquisa.

Parece-nos necessário ampliar as possibilidades dessa conversação, que ensejariam a inclusão das falas da sociedade, enquanto instância de produção de outros discursos”.(FAUSTO NETO, 1999, p. 141).

Por conta disso, esta pesquisa teve início a partir da coleta de matérias jornalísticas sobre o Dia Internacional da Luta Contra AIDS, que hoje já atinge um total de cerca de 214 de *O Globo* e *Folha de São Paulo*, dos anos 1982 a 2010.

Reconhecendo que o valor de uma matéria jornalística bem feita, precisa e articulada é maior do que uma campanha publicitária, é necessário um aprofundamento nos estudos para melhor entender o efeito AIDS sobre a sociedade contemporânea. As referências encontradas sobre o tema e as questões problematizadas reforçam a importância social desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso. **Um outro “quatro poder: imprensa e compromisso político no Brasil**, Contracampo, Niterói, n.4, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança social**. Brasília: EDUNB. 2001.

FAUSTO NETO, Antonio. **Comunicação & Mídia Impressa: Estudo sobre a AIDS**. São Paulo: Hackers, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II: o Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III: o Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2001.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. ***Representation: Cultural Representations and Signifying Practices***. London: Sage, 1997.

HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LAGO, Regina Ferro. **Bissexualidade masculina: dilema de construção de identidade sexual**, 1999. 1 v. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LIMA, Clóvis R. M. AIDS. As epidemias dos vírus e das informações. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n.3, 1993.

LOPES, Denílson. **O Homem que amava rapazes**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1997.

\_\_\_\_\_. Desafios à pesquisa em comunicação na América Latina. **Boletim INTERCOM**, São Paulo, n. 49/50, p. 23-35, 1984.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Discurso e poder: a contribuição barthesiana para os estudos de linguagem. **Intercom**, São Paulo, v. 27, n.1, 2004.

RUBIN, Antônio Albino Canelas; BENTZ, Ione Marina; PINTO, Milton José. **Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos**, Petrópolis: Vozes, 1998.

SONTAG, Susan . **AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: LPM, 1996.

### **Fontes da Internet:**

<http://www.aids.gov.br/>

<http://bireme.br>

<http://www.capes.gov.br>

<http://www.fiocruz.br/iciict>

<http://www.pelavidda.org.br/>

<http://portalweb01.saude.gov.br/saude/default.cfm>

<http://www.imediata.com/infoaids/linhadotempo/linha/linha1.html#>

<http://www.abiaids.org.br/>

<http://scholar.google.com.br>

<http://www.minerva.ufrj.br>